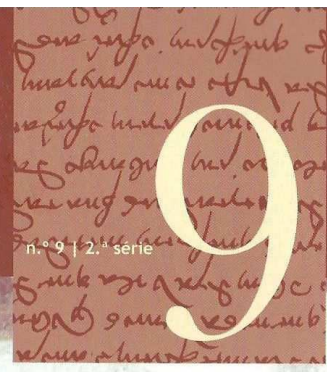


Almanson | Revista de Cultura

2010 - 2011 n.º 9 | 2.ª série



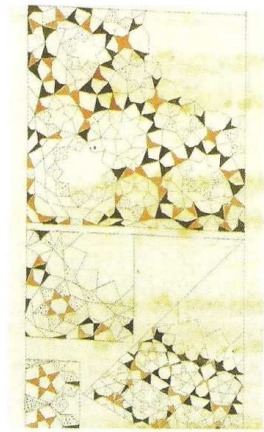


## Acerca do uso de muqarnas em Montemor-o-Novo e Évora: Algumas notas sobre mudejarismo<sup>1</sup>

Gonçalo Lopes

Criadas com uma função estrutural, as *muqarnas*<sup>2</sup> rapidamente se tornaram numa das mais importantes manifestações artísticas do Islão. Com efeito, trata-se de uma criação exclusivamente islâmica com o propósito inicial de resolver um problema arquitectónico bastante frequente: a adaptação de cúpulas ou coberturas poligonais a espaços quadrados (e rectangulares). De uma solução já conhecida desde a Antiguidade, como as trompas de ângulo<sup>3</sup>, passou-se rapidamente para a sobreposição de pequenos arcos dispostos de forma alternada que cumpriam a mesma finalidade. Estes dispositivos eram de concepção relativamente simples, de grande efeito decorativo e bastante eficazes na transição de planos angulosos para curvos ou, simplesmente, para unir superfícies irregulares.

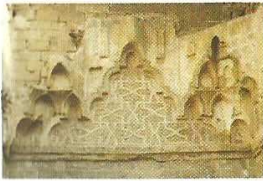
Os pequenos arcos sobrepostos acabarão por dar lugar a composições intrincadas de alvéolos que, muitas vezes, pendem sem nenhum apoio vertical lembrando verdadeiras estalactites. Foi precisamente este aspecto que levou vários autores a designá-las por “estalactites” ou “favos de abelha” não significando porém que as formas geométricas



Planificação de abóbada de *muqarnas*. Rolo de Topkapı, finais do século XV, inícios do séc. XVI. Museu de Topkapı Sarayı. <http://www.ee.bilkent.edu.tr/~history/geometry.html>



Alvéolo em gesso pintado para a construção de *muqarnas*. Nishapur (Irão), século X. Metropolitan Museum of Art. [http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Muqarna\\_MET\\_38-40-252.jpg?uselang=pt](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Muqarna_MET_38-40-252.jpg?uselang=pt)



Vestígios de nicho de *muqarnas*. Palácio Zisa, Palermo (Sicília), meados do século XII. <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Palermo-Zisa-bjs-3.jpg>

que lhes dão origem sejam de grande complexidade. Quando reduzidas a duas dimensões resultam, na maior parte dos casos, em “mosaicos” com um número reduzido de figuras geométricas em que predominam quadrados, triângulos e losangos.

Com o passar do tempo as *muqarnas* abandonam a sua função estritamente estrutural e alastram a quase todas as superfícies dos edifícios onde é possível aplicar decoração: frisos, cornijas, capiteis, revestimentos de cúpulas e, sobretudo, nichos.

Não é muito claro quando e onde aparecem as primeiras *muqarnas*; os exemplares mais antigos encontram-se no mausoléu de *Arab Ata*, em Tím (Uzebequistão) e em alguns fragmentos descobertos nas proximidades de Nishapur (Irão), ambos datados da segunda metade do século X<sup>4</sup>.

Nos finais do séc. XI fazem a sua aparição no Egipto fatímida (minarete de *Badr al-Jamali* - 1085)<sup>5</sup> e na *Ifriqiya* (*Qal'atu-l-Bani Hammad* - Tunísia)<sup>6</sup>, embora existam dúvidas relativamente à verdadeira natureza dos fragmentos descobertos neste último sítio.

Em meados do século XII, o uso de *muqarnas* já tinha alastrado a todo o Magrebe, com um excelente exemplar na mesquita *Qarawiyyin*, em Fez (1132 - 42), e daqui passando directamente ao *al-Ándalus*.

É importante não esquecer que esta fórmula arquitectónica, daqui em diante, não será exclusiva de regiões em que o Islão é a religião/cultura dominante (Norte da Península Ibérica, Sicília normanda, Arménia) nem tão pouco se extingue no final da Idade Média<sup>7</sup>.

## 1. DO AL-ÁNDALUS AOS REINOS CRISTÃOS PENINSULARES

Presume-se que as primeiras *muqarnas* tenham sido introduzidas no *al-Ándalus* durante o Período Almóada, tendo sido a grande mesquita de Sevilha (1172 -1198) um dos seus “laboratórios experimentais”. Do grande conjunto que decoraria este edifício, resta hoje uma fracção, conservada na abóbada da *Puerta del Lagarto*, que servia de ingresso ao lado Este do pátio (1172 - 1186), junto à *Giralda*.

Em Múrcia, por seu turno, foram identificados nas escavações do antigo Palácio de Sta. Clara<sup>8</sup> vários fragmentos de *muqarnas* em estuque com pintura figurativa, datados também do século XII.

A partir do século XIV e já perto do ocaso do *al-Ándalus*, esta fórmula sofre um importante incremento no reino de Granada, onde é usada intensivamente quer em complexos palatinos (*Alhambra*, *Generalife*, *Cuarto Real de Santo Domingo*), quer em edifícios públicos de patrocínio régio *nasrī* (*Corral del Carbón*, *madrassa*). Daqui resultaram os

conjuntos de muqarnas mais exuberantes alguma vez construídos na Península Ibérica, criados por influxo, talvez, das construções merínidas de Marrocos. São flagrantes as semelhanças com várias edificações deste período, nomeadamente com as madrasas *Attarīn* e *Bu 'Inanyya* (Fez).

Os reinos cristãos peninsulares absorvem este elemento, à semelhança de outros característicos da Arte Islâmica, num estilo híbrido que mais tarde será denominado de Mudéjar<sup>9</sup>.

Supõe-se que o *estilo Mudéjar* tenha nascido na cidade de Sahagún, nos inícios do século XII, como resultado da necessidade de materiais alternativos à pedra, muito escassa na região. Adoptou-se então o tijolo e as fórmulas trazidas por alvanéis mouros, mais habituados a este material que, rapidamente imprimem o seu cunho à modulação arquitectónica.

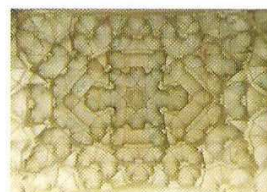
Note-se que o mudejarismo vai andando ao sabor do que se constrói no Sul islâmico. Inicialmente segue as formas almorávidas e almóadas e, mais tarde, nasrī/s. Deste modo, vão evoluindo as *muqarnas* aplicadas às diversas edificações que se sucedem no tempo, desde protótipos mais simples, que surgem no século XIII, até aos modelos intrincados dos séculos XIV e XV, alguns com um importante capital de mão-de-obra granadino e toledano.

Importa referir que nem o estilo Mudéjar, nem a utilização de *muqarnas* se esgotam com a queda do reino de Granada, em 1492 que, como veremos, avança até à primeira metade do século XVI em Castela, Aragão, Portugal e nos territórios transatlânticos. No caso específico das coberturas de madeira, chega mesmo a meados do século XVII, com numerosos tectos de alfarje dos quais sobreviveu em Portugal o da capela-mor do mosteiro de S. Bento de Bragança, feito a partir de 1590.

## 2. O CASO PORTUGUÊS

Nunca foi bem compreendida a adopção do estilo Mudéjar em Portugal, quer em virtude dos poucos exemplos conservados quer devido ao preconceito de que se trata exclusivamente de uma variante do tardo-gótico / Manuelino. Em termos cronológicos balizou-se entre os reinados de D. João II e D. João III *strictu sensu*.

Alheias a isto estão as construções mais ou menos desfazadas e mal explicadas como o sejam a ermida de Sta. Catarina de Monsaraz (século XIII), a cabeceira da igreja monástica de Castro de Avelãs (século XIII) ou parte da cabeceira da igreja de Vera Cruz de Marmelar (meados do século XIII), sempre assumidas como resultado de uma influência pontual do mudejarismo castelhano. Mais recentemente reavivou-se a memória de que o castelo do Alandroal será um importante testemunho de arquitectura mudéjar, projec-



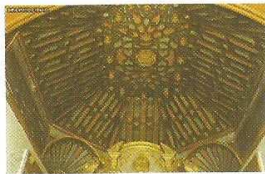
Abóbada. Porta do Lagarto, no pátio da catedral de Sevilha. Período Almóada (final do século XII). [http://sevillapedia.wikanda.es/wiki/Archivo:Boveda\\_puerta\\_lagarto.jpg](http://sevillapedia.wikanda.es/wiki/Archivo:Boveda_puerta_lagarto.jpg)



Cúpula. Alhambra, Torre dos Abencerrajes, meados do século XIV. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Abencerrajes.jpg>



Cúpula com trompas de *muqarnas*. Salão dos Embaixadores, Reales Alcázares (Sevilha). Meados do século XIV



Tecto de alfarge da capela-mor da Matriz de Calheta, ornamentado com trompas, pinhas e pequena cúpula de *muqarnas*, inícios do século XVI. <http://www.monumentos.pt>, foto 0195432, SIPA - PT 062201020003, 2001



Pequena cúpula e pinha de *muqarnas*. Tecto de alfarge da Sé do Funchal, inícios do século XVI. <http://www.monumentos.pt>, foto 0556191, SIPA - PT 062203100001, 2003



*Muqarnas* da sala do Cabido da Sé de Évora. Meados do século XV

tado por um mouro de nome Calvo (Ghalib?) com óbvias ligações ao reino de Granada, conforme se subentende pela epígrafe fundacional.

Uma coisa parece evidente, o estilo não surge mais tarde que nos restantes reinos peninsulares, embora padeça de menor difusão territorial, exuberância e, acima de tudo, de escassos exemplares conservados.

O uso de *muqarnas* relacionado com o mudejarismo português é, de facto, muito raro e utilizado sempre enquanto elemento decorativo, exceptuando um dos dois casos adiante estudados, em que desempenha uma função estrutural. Os melhores exemplos, embora mais recentes, encontram-se nos tectos de alfarge madeirenses, todos datados de inícios do século XVI<sup>10</sup>.

### 3. ÉVORA E MONTE-MOR-O-NOVO

Nestas duas localidades conservam-se os dois melhores exemplares de *muqarnas* que podem ser encontrados em Portugal continental. Ambos são anteriores ao “ciclo” do Mudéjar/Manuelino balizado entre os reinados de D. João II e de D. João III.

#### 3.1 Sé de Évora

Dentro do panorama nacional, este pode considerar-se o único conjunto de *muqarnas* com uma função estritamente estrutural, uma vez que cumpre a função de trompa de ângulo, e o mais perfeito do ponto de vista da concepção. Encontra-se no ângulo nordeste na sala do Cabido.

A sala do Cabido é resultante da reformulação de uma antiga capela de audiências capitulares, construída provavelmente na fase final das obras de edificação da Sé de Évora, no segundo quartel do século XIV.

A transformação desta capela em sala do Cabido ocorreu durante o reinado de D. Afonso V, conforme um acordo entre o bispo D. Vasco Perdigão e os herdeiros do alcaide-mor Vasco Martins de Melo, celebrado em 1462, que previa a transladação do seu túmulo para outro ponto da Sé<sup>11</sup>.

Este conjunto de *muqarnas* remontará às obras do século XV, uma vez que servem de apoio à quebra do ângulo no canto nordeste da sala. A existência deste chanfro, deveu-se à necessidade de criar um espaço para inserir a escada em caracol que leva ao segundo piso<sup>12</sup>, sem afectar a parede da capela de N<sup>o</sup>. Sr<sup>a</sup>. da Boa Morte, na extremidade este do transepto.

Em termos formais, trata-se da sobreposição de três cubos a formar um triângulo invertido, cada um com 30 cm de lado e talhados em granito. O cubo inferior foi chanfrado e decorado com uma parra, ao passo que os dois que se seguem foram cortados em curva para criar uma cavidade ogival. Por fim, são rematados por três pequenos arcos, que fazem a transição para parede.

Os cubos ou paralelepípedos cortados em curva correspondem ao módulo básico de *muqarnas*, sendo usados exaustivamente em quase todas as estruturas conhecidas, da Índia à Península Ibérica.

### 3.3. Igreja de S. João Baptista de Montemor-o-Novo

A igreja de S. João Baptista de Montemor-o-Novo foi construída em finais do século XIII<sup>13</sup>, servia de paroquial à freguesia mais a sul da vila medieval e estava quase encostada ao Paço dos Alcaides, hoje completamente arruinado. É possível ainda que, em certo momento, tivesse servido de panteão aos alcaides de Montemor, durante a Idade Média, a julgar pelos arcosólios existentes num dos alçados.

Em meados do século XV, é adossada à nave da igreja a capela de N.ª. Sr.ª. do Rosário<sup>14</sup>, provavelmente para servir de capela funerária do escudeiro Pedro Afonso de Aguiar sendo neste espaço que se encontra o segundo conjunto de *muqarnas* documentado neste trabalho. Estão localizadas no alçado interno da capela, fazendo a transição do desnível da parede para as impostas/capitéis do arco aberto para a nave da igreja.

Como ficou dito, não têm qualquer função estrutural específica, tratando-se apenas de um apontamento decorativo para preencher de forma contínua o ressalto entre a espessura da parede e a base dos capitéis.

Estas *muqarnas* foram moldadas em estuque sobre um núcleo de tijolo, tal como todos os elementos decorativos da capela e, não obstante a plasticidade do material, daqui resultou um programa incipiente e de concepção algo rude. Isto dever-se-á à inabilidade do pedreiro que interpretou de forma livre modelos que não estava habituado a reproduzir.

Assim se explica que, em vez de seguirem o modelo “clássico” dos cubos/paralelepípedos cortados em curva, tenham o aspecto de pequenas pirâmides segmentadas na perpendicular, com a parte mais volumosa a servir de base e não o contrário, como é usual.

Estão dispostas em triângulo no sentido ascendente (ao contrário das de Évora, que estão em sentido descendente), por dois níveis, sendo a base composta por duas pirâmides e o topo por uma única. Cada uma destas pequenas pirâmides tem cerca de 6 cm de base.



Cubo chanfrado e decorado com parra. Sala do Cabido da Sé de Évora, meados do século XV



*Muqarnas* da Capela de N.ª. Sr.ª. do Rosário. Igreja de S. João Baptista de Montemor-o-Novo. Meados do século XV

O facto de se terem empregue elementos piramidais conferiu-lhes um aspecto de denticulado e não de alvéolos que, embora fugindo às soluções mais comuns, não deixam de poder ser consideradas *muqarnas*. O efeito “alveolar” é aqui conseguido pelos espaços deixados entre os elementos piramidais.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ficou claro que ainda não está percebida a verdadeira extensão do mudejarismo português pré-Manuelino. Para isso contribuíram vários factores, um dos quais, a dinâmica construtivada da época. Com efeito, entre os finais do século XV e meados do século XVI, fruto da pujança económica dos Descobrimentos, todo o País, sem excepção, está em obras.

Daqui resulta que todas as construções anteriores, se mais modestas, são irremediavelmente transformadas ao gosto manuelino, ocultando ou destruindo quase todos os elementos dos séculos precedentes.

No Alentejo isto é flagrante em virtude das formas de construir e os materiais de tradição meridional serem muito fáceis de alterar ou destruir. Uma alvenaria irregular de xisto ou de taipa, por exemplo, terá tendência, em alturas de maior prosperidade económica, a ser substituída por construções de melhor qualidade como o sejam as de “boa” cantaria de granito ou mármore. Só os edifícios mais periféricos, de pouco significado religioso, ou de estrutura mais robusta (que não justifique reforma) ressitirão a estas mudanças.

Por outro, lado, os cataclismos que foram afectando de uma maneira ou de outra a região (terramotos de 1531 e 1755), ou mesmo a incúria, traduziram-se em perdas irremediáveis nas edificações medievais alentejanas onde, por ventura, estes elementos poderiam ser encontrados.

Os exemplares aqui em apreciação chegaram aos nossos dias pelas razões atrás enunciadas. No caso da igreja de S. João Baptista, a extrema limitação de recursos permitiu que o imóvel sofresse poucas alterações com o passar do tempo, exceptuando as reparações pontuais por necessidade de conservação. Na Sé de Évora, o facto de a construção ser demasiado robusta aliado à sua periferia estrutural em relação ao corpo do templo, nunca justificou modificações substanciais.

As *muqarnas* de Évora e Montemor-o-Novo são “peças” de talhe e materiais diversos, mas com uma raiz e cronologia comuns, as únicas sobreviventes conhecidas deste tipo (até ao momento) em Portugal. São vestígios de um fenómeno bastante mais abrangente que urge inventariar.

É neste sentido que estes dois conjuntos de *muqarnas* se afiguram de grande importância para o estudo do mudejarismo português anterior à transição para Quinhentos. Este último, chegado certamente por influxo das conquistas norte-africanas e pela “moda” vinda de Castela após a queda de Granada.

#### BIBLIOGRAFIA

ALMAGRO, António, “Un aspecto constructivo de las bóvedas en al-Andalus”, *al-Qantara: Revista de estudios árabes*, Vol. XXII, Fasc. 1, Madrid, 2001, p. 147 - 170.

BLOOM, Jonathan M., “The introduction of the muqarnas into Egypt”, *Muqarnas: An annual on visual culture of the Islamic World*. Vol. V, Leiden, 1988, p. 21 - 28.

ESPANCA, Túlio, *Inventário artístico de Portugal: Concelho de Évora*, Vol. I, Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes, 1966, p. 34.

JIMÉNEZ, Pedro, *Murcia islámica, una visión a través de la Arqueología*, Murcia, Ayuntamiento de Murcia - Concejalía de Cultura y Festejos, 2001, p. 5.

LOPES, Gonçalo, “A igreja de S. João Baptista de Montemor-o-Novo: Uma arqueologia do monumento”, *Almansi: Revista de cultura*, 2ª série, Vol. VI, 2007, p. 59 - 90.

TABBAA, Yasser, “The muqarnas dome: Its origin and meaning”, *Muqarnas: An annual on visual culture of the Islamic World*. Vol. III, Leiden, 1985, p. 61 - 74.

TAKAHASHI, Shiro, *Muqarnas: A three-dimensional decoration of Islam Architecture*, em linha - <http://www.tamabi.ac.jp/idd/shiro/muqarnas/>, 26 - 07- 2011.

*The Topkapi scroll: geometry and ornament in Islamic architecture*, em linha - <http://www.ee.bilkent.edu.tr/-history/geometry.html>, 26 - 07 - 2011.

#### NOTAS

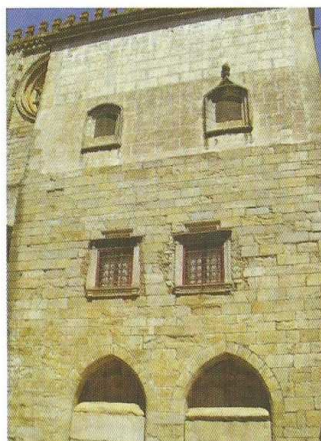
1. O autor assume a inteira responsabilidade por não seguir as normas do acordo ortográfico de 16 de Dezembro de 1990.

2. Do árabe *قمرنس*. Advém, provavelmente, da palavra grega *κορῶνις* (curvo, cornija). Apesar de se tratar de um substantivo de género masculino e número singular, por uma questão de facilidade retórica, optamos por utilizar o termo como se do feminino plural tratasse. Em Espanha, utiliza-se o termo “mocárabes”, que tem uma ampla difusão e aparece frequentemente na documentação baixo-medieval e moderna, aplicada sobretudo aos tectos de madeira.



3. Elemento triangular, ou arco diagonal disposto nos cantos dos edifícios para facilitar o apoio de coberturas circulares ou poligonais. Foi bastante utilizado na Pérsia durante o Período Sassânida.
4. TABBAA, Yasser, "The muqarnas dome: Its origin and meaning", *Muqarnas: An annual on visual culture of the Islamic World*. Vol. III, Leiden, 1985, p. 61.
5. BLOOM, Jonathan M., "The introduction of the muqarnas into Egypt", *Muqarnas: An annual on visual culture of the Islamic World*. Vol. V, Leiden, 1988, p. 21.
6. TABBAA, Yasser, ob. cit., p. 61 - 62.
7. No Império Otomano ou na Pérsia, continuam a ser parte integrante e viva da Arquitectura até ao séc. XVIII.
8. JIMÉNEZ, Pedro, Murcia islámica, una visión a través de la Arqueología, Murcia, Ayuntamiento de Murcia - Concejalía de Cultura y Festejos, 2001, p. 5.
9. O termo aplicado em contexto artístico deve-se a Amador de los Ríos, no seu discurso de ingresso à Academia de Belas-Artes de S. Fernando (1859).
10. Sé e Casa da Alfândega do Funchal; Matriz da Calheta; Matriz da Ponta do Sol.
11. ESPANCA, Túlío, "Inventário artístico de Portugal: Concelho de Évora", Vol. I, Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes, 1966, p. 34.
12. O segundo piso foi construído depois de 1462 para servir de arquivo do Cabido.
13. LOPES, Gonçalo, "A igreja de S. João Baptista de Montemor-o-Novo: Uma arqueologia do monumento", *Almansi: Revista de cultura*, 2ª série, Vol. VI, 2007, p. 59 - 90.
14. *Idem*.

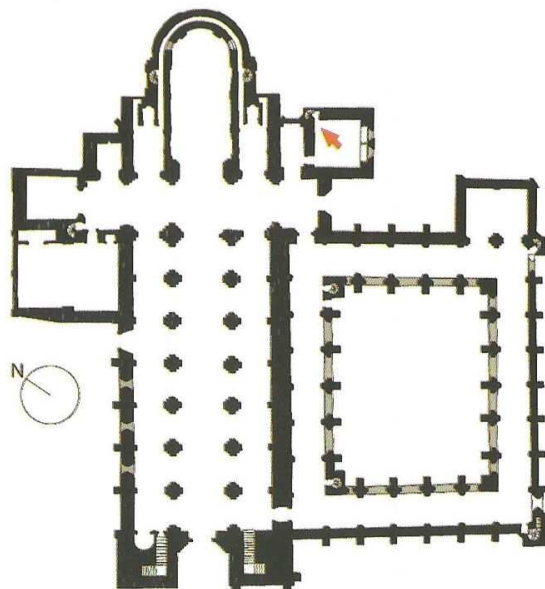
ANEXOS



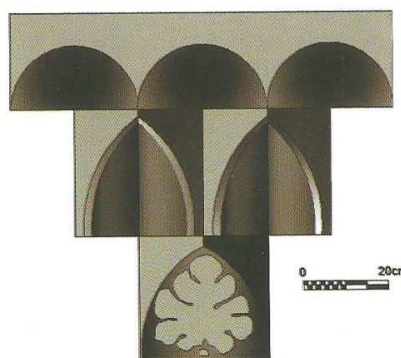
Edifício do Cabido da Sé de Évora. Vista exterior



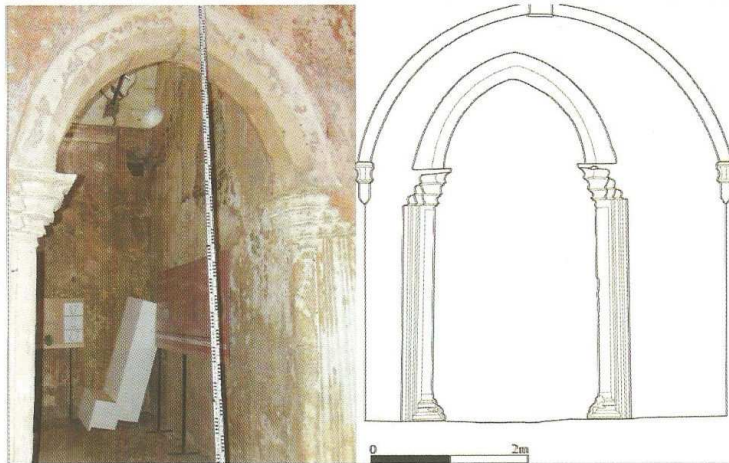
Interior da sala do Cabido, com a localização das *muqarnas*



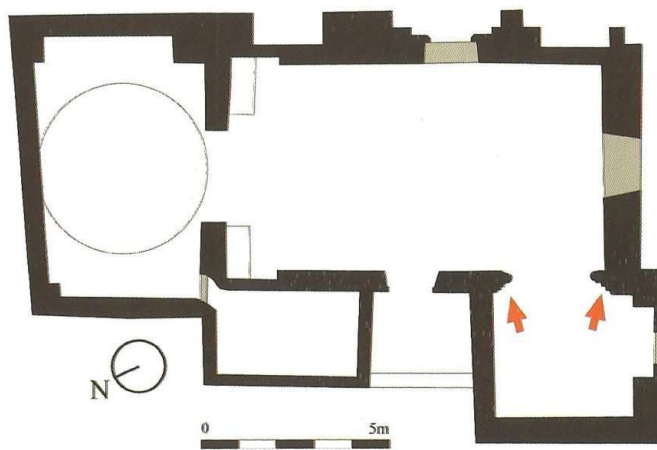
Planta da Sé de Évora, com indicação da área onde se encontram as *muqarnas*



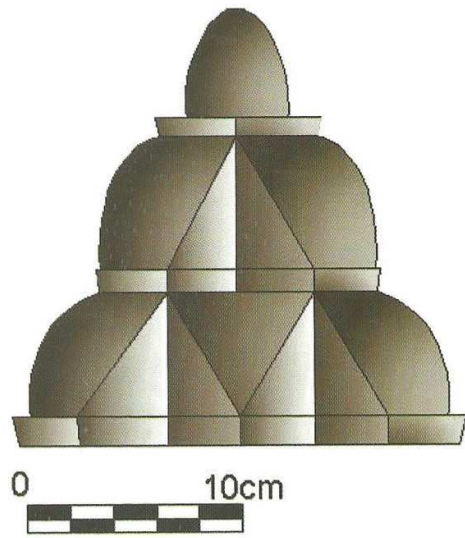
Muqarnas da Sé de Évora. Projecção frontal



Arco de ingresso à capela de N.ª, Sr.ª. do Rosário. Igreja de S. João Baptista de Montemor-o-Novo e representação gráfica



Planta da igreja de S. João Baptista, com indicação da área onde se encontram as *muqarnas*



*Muqarnas da capela de N<sup>a</sup>. Sr<sup>a</sup>. do Rosário. Projecção frontal*